

Maraline Aparecida Soares¹Silvia Regina Nunes²**RESUMO**

O presente artigo filia-se ao campo de conhecimentos da Análise de Discurso, numa perspectiva sustentada no tripé Linguística, Materialismo Histórico e Psicanálise; e toma, como lugar de observação e análise, o âmbito da informática. Na discussão que se apresenta, partimos da premissa de que as injunções técnicas, sob a ideologia da comunicação, atrelada à de consumo, têm promovido efeitos em estudos e práticas de linguagens, como a *selfie*, por exemplo, e sua postagem/circulação nas redes sociais, enquanto modo de significação do sujeito contemporâneo no espaço virtual. Além disso, verificamos que, de maneira concomitante, o contexto sócio-histórico, relacionado às condições econômicas, também interfere nos estudos da linguagem e se encontra presente na base de algumas teorias linguísticas. Desse modo, compreende-se que o discurso digital ressignificou o funcionamento da língua(gem), tanto no âmbito dos estudos da língua, considerando o contexto do século XX na linguística, quanto na produção e circulação de imagens, como o surgimento da *selfie* e sua relação com o autorretrato.

Palavras-chave: Discurso. Informática. Linguagem.

ABSTRACT

This article is set on the knowledge field of Discourse Analysis, in a perspective supported on the tripod Linguistics, Historical Materialism and Psychoanalysis; and it takes, as a place of observation and analysis, the field of informatics. In the discussion presented here, we start from the premise that the technical injunctions, under the ideologies of communication and consumption, have promoted effects in studies and practices of language, such as the selfie, for example, and its posting/circulation on social networks, as a mode to signifying the contemporary subject in the virtual space. In addition, we verified that, at the same time, the socio-historical context, related to economic conditions, also interfere in language studies, and is present at the base of some linguistic theories. Therefore, we understand that the digital discourse has given new meaning to the functioning of language, both in the context of language studies, considering the context of the 20th century in Linguistics, and in the production and circulation of images, such as the emergence of the selfie and its relationship with the self-portrait.

Keywords: Discourse. Informatics. Language.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Cáceres/MT, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3915-9751>. E-mail: maralinesoares@hotmail.com.

² Docente na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) onde atua na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL). Doutora em Linguística pela Unicamp. Campinas/SP, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3104-6138>. E-mail: silvianunes@unemat.br.



1 INTRODUÇÃO

Estudiosos da área da comunicação asseveram que estamos vivendo a terceira grande mudança histórica e social decorrente da tecnologia. A primeira foi marcada pela invenção da escrita, e, para os historiadores, essa invenção marca uma divisão tradicional na História entre a chamada Pré-história (fase antes da escrita) e a História. No século XVI, surgiu a imprensa, que estabelece o início da Idade Moderna. Em sequência, porém, mais recentemente, houve a invenção da informática, sendo esta a terceira grande mudança e o princípio fundamental para o período denominado Pós-modernidade ou Modernidade Líquida, conforme designa o sociólogo polonês Zigmunt Bauman (2001). Não obteríamos êxito em tentar qualificar alguma dessas grandes mudanças como a mais eficaz, além disso, não é o que pretendemos. Consideramos todas essas transformações de igual importância, cada uma de acordo com suas condições sociais, históricas e políticas. No entanto, aprofundamos nossas discussões à respeito da informática, considerada um campo de pesquisa (que trabalha com o tratamento da informação, por meio de computadores e outros dispositivos de processamento de dados) e de desenvolvimento econômico que afeta a sociedade e, por conseguinte, a linguagem.

É sobre essa segunda característica apresentada acerca da informática, enquanto campo de desenvolvimento econômico, que nos detemos, neste trabalho, para compreendermos como a sociedade, a linguagem e seus estudos têm sido afetados por esse domínio estruturado no efeito de uma “lógica de exatidão”. Para isso, buscamos apoio nas considerações de Michel Pêcheux, principalmente sobre a influência do desenvolvimento econômico da sociedade nos estudos da linguagem nos anos 50. Essa dinâmica influenciadora se refere às “[...] determinações históricas que vêm ‘assinalar’ as sucessivas redes de afinidades da Linguística – desde os anos 50 até o período atual [...]” (PÊCHEUX, 1998, p.14, grifos do autor).

Para além do campo científico de estudos da língua, problematizamos também como a *Internet*, em sua relação com a informática, tem ressignificado as práticas de língua(gem) e, nesse ponto, verticalizamos para o estudo da *selfie*. O advento da *Internet* promoveu, no âmbito das imagens, uma diferente forma de apropriação e circulação da fotografia no espaço digital. A *selfie*, por exemplo, com seu ritual característico de captura e postagem em perfis de redes sociais, tornou-se possível a partir da *web 2.0*. Desse modo, compreende-se que a prática da *selfie* está relacionada à transformação tecnológica digital.

Algo que nos chamou a atenção foi a acelerada propagação dessa prática, que inclui pessoas de todas as idades, promove *status* de celebridades para alguns, polêmicas para outros e, ainda, a que causa





a própria morte. A “reprodutibilidade” aguda das *selfies* nos leva a questionar os discursos “de e sobre” essa prática. Desse modo, a fim de compreender um material tão abrangente, recorreremos aos princípios teóricos e analíticos da Análise de Discurso, uma teoria linguística, de caráter interpretativo, que considera a relação língua, sujeito e história como indissociáveis.

2 PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS TEÓRICO-ANALÍTICOS

A título de contextualização, apresentamos, de forma sucinta, a teoria à qual este trabalho filia-se, e especificamos o modo como a Análise de Discurso concebe o funcionamento da língua(gem). Na sequência, discorreremos sobre algumas noções teóricas consideradas basilares na fundamentação de nossa reflexão, tais como: gesto e prática, condição de produção, formação discursiva e formação ideológica.

A Análise de Discurso é um campo teórico dos estudos da linguagem proposto pelo filósofo francês Michel Pêcheux, no século XX. Podemos dizer que se trata de uma maneira particular de compreender a língua, para além da estrutura, cujos sentidos não são apreendidos apenas pela materialidade linguística. Orlandi (2009, p. 10) “considera que a Análise de Discurso levanta questões para a Linguística, interrogando-a pela historicidade que exclui, e, do mesmo modo, interrogando-a pela transparência da linguagem e pelo sujeito”.

Para a Análise de Discurso, os sentidos transcendem às palavras, pois compreendem a língua e sua exterioridade. Esta área de estudos considera que a língua e a história se imbricam, pois uma existe na outra, de modo que a história está na língua e a língua se significa pela/na história, e, dessa forma, produz o discurso. Este é o objeto de estudo da Análise de Discurso que nos possibilita compreender a ideologia e como se dão seus processos de produção de sentidos na língua e em qualquer materialidade simbólica outra. O discurso, assim, é a linguagem funcionando como a “mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (ORLANDI, 2009, p.15), possibilitando ao homem a condição para compreender a realidade a que pertence.

Em concordância com os princípios e procedimentos teórico-analíticos da Análise de Discurso, faz parte do escopo deste trabalho o estudo das noções de gesto e prática; elementos estes que permitem uma leitura que considera, como materialidade de linguagem, signos não linguísticos. Para encabeçarmos a discussão sobre a noção de gesto, precisamos, primeiramente, retomar a noção de prática, pois é esta que sustenta a significação do gesto. Muitas questões, as quais reproduzimos cotidianamente, quase que de maneira automática, são, na realidade, o que Althusser chama de prática.



São rituais ideológicos que se diferenciam de acordo com a forma como cada sociedade foi constituída. Assim, para o estudioso, “só existe prática através e sob uma ideologia” (ALTHUSSER, 1970, p.91). Desse modo, cada aparelho ideológico tem suas práticas específicas: o aparelho religioso (missa, culto, reunião, entre outras), o escolar (aula, pesquisas etc.) e o da informação (programas de rádio, televisão etc.).

O ritual de cada prática não precisa, necessariamente, ser apenas de ordem da fala ou da escrita. Para além das duas opções mencionadas, considera-se aquilo que Pêcheux (2014) classifica como gesto, ou seja, signos não linguísticos (os aplausos, o riso, o tumulto, os assobios, os movimentos diversos, dentre outros), mas que fazem parte de um ritual que produz significação. Desse modo, a noção de gesto é imprescindível, uma vez que *selfie* já se tornou uma prática discursiva. Uma prática que funciona pelo gesto.

Outra noção teórico-analítica, convocada pelo material em análise, é a de condições de produção, retomada, neste trabalho, a partir de Orlandi (2009). Podemos considerar as condições de produção, em sentido estrito, que são as circunstâncias da enunciação: o contexto imediato; e, em sentido amplo, que incluem o contexto sócio-histórico e ideológico. Essa noção foi convocada, a partir das particularidades da *selfie*, uma vez que sua especificidade está relacionada aos dispositivos tecnológicos digitais. Compreendemos que esses dispositivos (*smartphones/iphones*, câmera frontal, *internet* e redes sociais) são as condições de produção, em sentido estrito, sustentadas por condições de produção, em sentido amplo, referentes à formação ideológica tecnológica-digital e capitalista (de consumo).

As noções de formações discursivas e formações ideológicas estão relacionadas. Conforme Orlandi (2009, p.43), “a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”. As formações discursivas se estruturam como redes de sentidos que significam as formações ideológicas que regem uma sociedade. Essa rede de sentidos não contempla apenas a linguagem oral ou escrita, mas tudo que convoca interpretação, seja a imagem, o gesto, o som e, até mesmo, o silêncio. Nessa direção, a referida autora continua: “as formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja” (ORLANDI, 2009, p. 43).

Consideramos indispensáveis os conceitos apresentados para o desenvolvimento de nosso trabalho, pois nos forneceram condições para compreender os efeitos do discurso digital nos estudos da língua e a *selfie*, enquanto uma produção da linguagem, em formato digital.





2.1 O tratamento da informação e seus efeitos nos estudos da língua

Todo o processo que afeta os estudos linguísticos se inicia no contexto do pós-guerra, e a principal influência desse período é de ordem econômica, cujos objetivos se concentravam em desenvolver e, até mesmo, aprimorar objetos tecnológicos de todas as ordens, inclusive para regulação e tratamento do humano e do texto. Pêcheux, em seu escrito *sobre a desconstrução das teorias linguísticas*, explica como essas questões estão relacionadas a algumas concepções linguísticas que se desenvolveram afetadas por esse contexto histórico:

[...] O momento de aparente unificação da Linguística dos anos 50, na forma dominante do funcionalismo, coincide com a retomada do desenvolvimento industrial do pós-guerra, que precisa do desenvolvimento e da difusão de novos procedimentos tecnológicos, nas esferas da produção, da formação profissional, da educação e da saúde (PÊCHEUX, 1998, p.15).

No estudo referido, Pêcheux tece também algumas considerações sobre a teoria da informação e os desafios para os engenheiros da telefonia. Todas essas questões fizeram parte da constituição dos estudos da língua, no século passado, não como a única forma, pois logo surgiram os estudos discursivos do próprio Michel Pêcheux; de Lacan, na Psicanálise; dentre outros estudiosos com concepções diferentes à sua época. Para Pêcheux:

[...] O problema das “comunicações” (que se tornaria, por deslocamento metafórico, o tema principal das *ideologias do consenso*) foi inicialmente um quebra-cabeça para os engenheiros da telefonia: a teoria da informação (Shannon e Weaver) se constituiu neste terreno, em que o *emissor* e o *receptor* são instrumentos, antes de serem os sujeitos falantes que os utilizam (PÊCHEUX, 1998, p.15, grifos do autor).

Pelo que podemos observar, tudo era pensado pelas regras da lógica. A força estava na exatidão dos números. Conforme veremos, a seguir, ainda no texto de Pêcheux, as teorias de aprendizagem tiveram como modelo o esquema da “caixa preta” para estruturar o comportamento verbal. A cibernética³ motivou o desenvolvimento dos mecanismos autorreguláveis das máquinas e dos homens;

³ A Cibernética foi fundada pelo matemático Norbert Wiener em seu livro *Cibernética*, de 1948, e é o estudo do controle em sistemas estáveis, sejam mecânicos ou biológicos, e parte do pressuposto de que a informação pode ser quantificada, assim como a matéria e a energia. Insere-se em uma perspectiva de formulação de base mecanicista, na maneira de compreender os fenômenos naturais e humanos, de modo que procura estudar os processos comunicacionais e o tratamento da informação em seus aspectos quantificáveis: codificação e decodificação, realimentação, aprendizagem etc., sempre visando o controle da entropia natural, presente também em máquinas e seres humanos. Entende-se por entropia “[...] a tendência estatística da Natureza para a desordem” (WIENER, 1968, p. 28). A base da teoria cibernética é a tentativa de controlar tanto máquinas, quanto seres vivos pela compreensão dos mecanismos da comunicação (PEREIRA, 2016, p. 54-55).





e, a matemática, com seus modelos estatísticos para o tratamento de mensagens, possibilitou o surgimento dos chamados computadores. Vejamos, detalhadamente, a este respeito, nas palavras de Pêcheux:

[...] Simultaneamente, os trabalhos de Von Neumann confrontam os modelos matemáticos, neuropsicológicos e econômicos da comunicação (i.e. a transmissão de informação entre pares), e desembocam, em associação com Morgenstern, na “teoria dos jogos” (que se quer uma teoria geral das *interações*, concebidas como troca de informações) (cf. Plon, 1976). A noção de homeostasia emerge, desta forma, enquanto categoria interdisciplinar, visando dar conta, em termos de circuitos de informação, de regulamentos comportamentais suscetíveis de caracterizar tanto uma máquina quanto um animal ou um grupo social: a *psicologia behaviorista* (skinneriana e pavloviana) adota o esquema da “caixa preta” como modelo adequado às suas teorias de aprendizagem (enquanto regulagem instrumental do jogo “das entradas” e das “saídas” estruturando o comportamento – e em particular o “comportamento verbal”); a *cibernética* desenvolve mecanismos autorreguláveis (o homeostato de Ashby, o perceptron de Seymour Papert e as tartarugas eletrônicas de Grey Walter...), simulando diversos tipos de comportamentos “normais” ou “patológicos”; a matemática desenvolve, ao mesmo tempo, modelos estatísticos e probabilistas destinados a tratar as “mensagens” enquanto fluxo de informação, e teorias formais (derivadas dos trabalhos de Turing), autorizando a programação de cálculos lógicos (os primeiros computadores à válvula necessitavam de vários andares de um prédio para efetuar o que um microprocessador condensa hoje em alguns mm³!); no horizonte, vislumbram-se os projetos iniciais de *tradução automática* – que iam desembocar na estrutura não markoviana da sintaxe, e as primeiras tentativas de *simulação de inteligência* (a noção de inteligência artificial apareceu em 1956), visando à construção de dispositivos capazes de raciocínio (PÊCHEUX, 1998, p. 15-16, grifos do autor).

Para compreendermos como e por via de quem essas injunções técnicas e matemáticas chegaram aos estudos linguísticos, apresentamos dois representantes: Edward Sapir e Roman Jakobson. Ambos eram participantes das conferências promovidas pela The Macys⁴, ocorridas entre os anos 1946 e 1953, que totalizaram dez encontros interdisciplinares, nos quais o requisito necessário era ter em comum o objetivo de desenvolver: uma ciência da mente para desvendar o seu funcionamento; e planos de saúde mental para o mundo. E foram desses encontros que surgiu a cibernética.

Antes de continuarmos a discussão sobre os dois linguistas, consideramos importante trazer o que Pêcheux compreende de todo esse processo:

Nesta trama de aproximações interdisciplinares que marcou a conjuntura dos anos 50, transparecia, no estado embrionário, um desejo utópico de “dominar o mundo”, associado a este humanismo político de boas intenções que, por exemplo a UNESCO, desde sua criação em 1946, se pôs a difundir: a ideia de uma regulação psico-bio-cibernética dos comportamentos humanos, individuais, e sociais, através da ergonomia, da medicina, e –

⁴ Fundação que “financia organizações [...] criadas ou desenvolvidas para promover esse valor”, o da saúde mental (DIAS, 2012, p. 13-14).





sobretudo – da educação aparece como a última repercussão do *esquema funcional da comunicação linguística*, projetada em um meio “científico” em função das afinidades eletivas que acabam de ser lembradas. Esse desejo sistêmico-funcional não dispunha na época de condições (biológicas, neurofisiológicas, cibernéticas e informáticas) necessárias à sua realização, mas o projeto estava traçado [...] (PÊCHEUX, 1998, p.16, grifos do autor).

Nesse aspecto, as contribuições de Sapir para o desenvolvimento da escola linguística norte-americana são afetadas também por concepções mentalistas, pois o linguista “não encara a forma linguística dissociada do conteúdo significativo, e procura colocar a língua em suas associações inelutáveis com a psicologia e a lógica” (CÂMARA Jr., 1961, p.11).

A participação de Roman Jakobson no grupo de estudiosos da The Maycs, que deu origem à cibernética, produziu efeitos em seu modo de compreender a língua, pois a concebeu como um “sistema de codificação estruturando a troca de informações” (LAFONTAINE, 2004, p. 94). Para exemplificar, podemos mencionar uma de suas obras, na qual é possível perceber a força das concepções ciberneticistas, a chamada *Linguística e teoria da comunicação* (1961), embasada na obra *Teoria matemática da comunicação* de Claude Shannon e Warren Weaver, dois engenheiros matemáticos. A respeito da relação entre essas duas obras, Dias afirma que:

No que diz respeito à obra de Wiener, a influência sobre a teoria de Jakobson refere-se à questão da mensagem e do código e a exclusão da dimensão subjetiva da fala. Ainda segundo Lafontaine (2004), **o linguista chega a fazer uma analogia com o computador e com as ideias da cibernética**, ao dizer que o engenheiro da comunicação aproxima-se de modo mais adequado da essência do ato de fala quando sustenta que, na troca ótima de informação, o que fala e o que ouve têm a sua disposição mais ou menos o mesmo fichário de representações pré-fabricadas (DIAS, 2012, p. 16, grifos nossos).

Ainda sobre a discussão acerca do domínio da informática nos estudos da linguagem, no contexto do século XX, período em que a compreendiam, de acordo com o campo da regulamentação, como algo da ordem funcional, voltamo-nos, novamente, às palavras de Pêcheux:

Apesar dos esforços excepcionais de linguistas como Jakobson para dar conta da tarefa, e fazer valer o estatuto poético da linguagem humana, levando a argumentação para o terreno do funcionalismo, a linguística dos anos 50 continuou presa neste imaginário interdisciplinar da comunicação como *regulação funcional controlada*: ela o havia, previamente, de forma indireta, autorizado, senão suscitado, ao denominar-se “funcionalista” (PÊCHEUX, 1998, p.16, grifos do autor).

Conforme apresentado nas discussões, entendemos como os estudos da linguagem foram afetados pela conjuntura histórica das evoluções tecnológicas no âmbito da informática. Destacamos,





portanto, que não só os estudos sobre a linguagem foram afetados, mas, também, o surgimento e as ressignificações das práticas de linguagem.

3 SELFIE: UMA PRÁTICA DE LINGUAGEM

O contexto histórico relacionado às condições econômicas pode ser considerado um motor, que, ao mesmo tempo em que gera novos espaços de dizer, busca conter ou, até mesmo, instrumentalizar a linguagem. Recorremos, na forma de exemplo, a uma das primeiras invenções tecnológicas, a escrita, cujos efeitos ressoam e contribuem para a criação de muitas outras tecnologias. Essa invenção foi pensada, inicialmente, dentro de um cenário econômico, mas seus efeitos estão presentes nos mais diversos segmentos de uma sociedade.

[...] a invenção da escritura está ligada a uma necessidade econômico – comercial, basta dizer que a Mesopotâmia, berço da origem da escrita (-400), era, por excelência, diz o autor, o lugar das trocas comerciais. Assim, começa a se desenvolver outro tipo de sistema econômico-comercial a partir da escrita, do registro da letra (DIAS, 2013, p.52).

É nesse sentido que propomos a relação do econômico com o desenvolvimento das novas práticas de linguagem e na ressignificação das que já existem. Nesse jogo, de um movimentar o outro, o econômico não se mantém sem a linguagem e suas possibilidades e, ao recorrer a ela, explora sua propriedade, que permite a existência das formas de significar. No íterim da evolução da escrita, muitas outras surgiram até chegar às tecnologias digitais que constituem o campo da informática, atualmente sustentada na “ideologia da comunicação” (necessidade de tudo dizer, informar), através da construção do que, hoje, chamamos “meios de comunicação” (DIAS, 2013, p. 52). Nessa direção, vale ressaltar que os efeitos da tecnologia digital também alcançaram o âmbito das imagens, ao ampliar, por exemplo, as formas de registros fotográficos, algo que possibilitou o surgimento da *selfie*.

A imagem, enquanto textualidade, carrega muitos sentidos ofuscados pelo efeito de transparência mantido pelo discurso da visibilidade, uma forma de produzir efeitos de homogeneização para a interpretação. O que se apresenta no âmbito do visível, por estar comumente relacionado a algo que, empiricamente, já existe, produz o efeito de cópia, imitação, representação etc. Sendo assim, retomamos Pêcheux, que nos explica como ocorre esse processo entre real e representação, a partir da noção de *metáfora*.



[...] Tratar-se-ia de levar em consideração o fato de que as formas discursivas nas quais aparecem os “objetos” tais como o balão, a estrada de ferro, ou a toupeira são sempre conjuntamente determinados enquanto objetos ideológicos; nem universais históricos, nem puros efeitos ideológicos de classe, esses objetos teriam a propriedade de ser ao mesmo tempo idênticos a eles mesmos e diferentes deles mesmos, isto é, de existir como uma unidade dividida, suscetível de se inscrever em um ou outro efeito conjuntural, politicamente sobre determinado [...] (PÊCHEUX, 2015, p.157, grifos do autor).

Isso é parte do imaginário sobre a literalidade da imagem, muitas vezes, tomada como uma totalidade, quando pensada apenas em termos de conteúdo. Nessa direção, Nunes (2012, p. 90), ao problematizar a relação entre a palavra e a imagem, no funcionamento do infográfico, compreende a imagem em termos de formulação visual. A autora argumenta que não há como tomar a imagem apenas como conteúdo, pois, dessa forma, esta funcionaria como ilustração, enquanto o que ocorre é que a relação compósita entre o verbal e o visual, que não separa forma e conteúdo, mostra que o funcionamento da imagem não se reduz ao verbal, mas instaura sentidos próprios nessa composição. Para a autora,

[...] o imaginário de natureza referencial produzido pela formulação visual é determinado pelo efeito ideológico de que a realidade (o mundo) seja transparente, podendo ser representada “fielmente”, para isso bastando mostrá-la (numa imagem (foto, desenho...), num vídeo etc.). Efeito ideológico elementar, como diriam Althusser e Pêcheux (1997b), constituído por uma injunção pragmática à linguagem que coloca em relação direta a palavra e a coisa, e também a possibilidade de controle dos sentidos pelo sujeito (NUNES, 2012, p. 178, grifos do autor).

É esse o processo que temos na *selfie*, em que, por um efeito ideológico, o corpo é posto em circulação, pelo gesto da *selfie* como “transparente”, ou seja, representado “fielmente” numa imagem fotográfica. Nesse caso, o “imaginário de natureza referencial” está sustentado no próprio corpo humano e no ambiente em que se encontra. Acredita-se que o que é mostrado na *selfie* será interpretado como o todo daquele sujeito. Isso acontece porque a *selfie* se configura como um gesto praticado pelo sujeito ao se inscrever em uma formação discursiva da ordem do funcionamento midiático. Nesse contexto, o sujeito, afetado por essa conjuntura, visa promover a própria existência nas redes sociais, ao montar a própria imagem, tomada como realidade pura.



A imagem fotográfica de si mesmo apresenta propriedades diferentes daquelas de infográficos, charges, *memes* etc., uma vez que tal gesto se constitui por meio do imaginário⁵ do olhar dirigido para o próprio corpo, seja na arte, pelo autorretrato; seja na *selfie*, pelo registro efetuado por uma câmera. O imaginário é produzido na relação com as formações ideológicas (que passam como transparentes na relação com os sentidos).

O registro de uma imagem mostra o recorte de uma realidade. Esse recorte é afetado pela discursividade, inclusive pelos dispositivos disponíveis, e regulado pelas formações imaginárias. Podemos pensar esse funcionamento através da discursividade da fotografia.

Assim como qualquer imagem tomada como discurso, uma fotografia está necessariamente vinculada ao contexto sócio-histórico e às condições de produção do autor (fotógrafo), que, ao recortar uma imagem, o faz por meio de gestos de interpretação, produzindo e/ou rompendo silêncios, porque mesmo se tratando de descrição e de interpretação de imagens, há uma historicidade de sentidos, levando-se em conta, aí também, o processo de leitura da imagem por parte do sujeito leitor (SCHONS, 2015, p. 184).

A pesquisadora se refere ao caso específico da fotografia, em que o fotógrafo realiza o registro, sem aparecer diretamente na imagem produzida. Nesta modalidade da fotografia, em que outra pessoa escolhe o ângulo para o registro, o fotografado é significado pelo olhar do outro, conforme o gesto de interpretação deste, de acordo com sua formação social-histórica e política, e isto ficará presente na imagem. Ao aplicarmos essa reflexão para o funcionamento da produção da *selfie*, temos condições de afirmar ser o corpo o lugar do sentido/significante. Ao olhar para si mesmo, pergunta-se: como se olha, como se é olhado, como se processa a relação com o que se olha? Na direção do que a autora afirma, se o fotógrafo recorta a imagem por um gesto de interpretação afetado por condições de produção, e aí a fotografia estará vinculada ao contexto histórico, como podemos pensar uma prática que condensa um duplo gesto de ao fotografar se fotografar?

O que temos nesse movimento é a reiteração de um *eu* que constitui esse gesto dividido. Esse *eu* é designado pela psicanálise como Narcisismo. Em consonância com as palavras do psicanalista Cristhian Dunker, em seu vídeo disponível no canal do *YouTube*, no mês de junho de 2016, intitulado: “O que é Narcisismo?”, vê-se como esse conceito diz respeito a uma experiência que comporta três

⁵ A noção de imaginário está para o conceito de formações imaginárias que, conforme Michel Pêcheux (1990 [1969]), são produzidas na relação entre linguagem, história e ideologia, e constitui a imagem que o sujeito faz dele mesmo, do seu interlocutor e das condições de produção na produção do discurso.





lugares: *eu* me fazendo objeto para um *outro* segundo o olhar de um terceiro. Com vistas a explicitar melhor esta questão e em que lugar ela está fundamentada, a Psicanálise recorreu ao mito de Narciso, para mostrar como se configura essa relação.

Para a Psicanálise, a noção de narcisismo compreende a relação do sujeito com a sua imagem (enquanto um reflexo), a identificação e o investimento. Associa, portanto, a relação entre os personagens do mito Narciso e Eco às pessoas que interagem com as outras para buscarem a si próprias, o seu eco. É por meio desse processo que se adquire o *eu*, compreendido pela Psicanálise como uma dupla formada por aquele que fala e aquele que escuta, algo que resulta em uma estrutura dual que constitui o ser humano.

Esse modo de pensar o sujeito narcisista, trazido pela Psicanálise, faz relação com o gesto de produção e postagem da *selfie*, uma materialidade que lida diretamente com esse jogo “duplo” que habita o ser. O gesto da *selfie* é uma interpretação que o *eu* realiza de si mesmo, e essa interpretação produz efeitos de sentidos, tanto para aquele que se autofotografa, quanto para aqueles que terão acesso a essa imagem. Ao circular nas redes sociais, as interpretações vindas de quem a visualizou, em forma de curtidas, comentários, compartilhamentos e reações são também gestos, pois produzirão efeitos no sujeito produtor da imagem, que ficou no aguardo, após a realização da postagem. Percebe-se que o sujeito quer mostrar quem ele, imaginariamente, deseja ser, mas esse processo, de certo modo, está condicionado à interpretação dos sujeitos da rede. Está na constituição do sujeito essa relação com o outro, desde o processo de formação. Talvez seja esta uma das formas de identificação dos sujeitos com a prática da *selfie* na relação com o olhar do outro.

É interessante como, de certo modo, Marx, antes de Lacan, já havia observado esse processo de formação do *eu* na relação com o outro, ao compará-lo com o que ocorre com as mercadorias, assim como nos apresenta Zizek:

[...] Essa breve nota antecipa, de certa maneira, a teoria lacaniana do estágio do espelho: somente ao se refletir num outro ser humano – isto é, na medida em que esse outro ser humano lhe oferece uma imagem de sua unidade – é que o seu [*moi*] pode chegar à sua auto-identidade e a alienação, por conseguinte, são estritamente correlatas (1996, p. 309).

Destacamos que, no âmbito das redes sociais, o ser é projetado como mercadoria. Desse modo, as relações sociais na rede são substituídas por relações de consumo. Marx (1983), fez essa distinção comparando o que ocorre com os homens ao que ocorre com as mercadorias. Zizek corrobora o pensamento de Marx, quando esclarece que:





[...] De certa maneira, dá-se com o homem o mesmo que com as mercadorias. Uma vez que ele não vem ao mundo nem com um espelho na mão, nem como um filósofo fichtiano para quem “eu sou eu” seja suficiente, o homem se vê e se reconhece, inicialmente, nos outros homens. Pedro só estabelece sua própria identidade como homem depois de se comparar com Paulo como sendo da mesma espécie. E com isso, Paulo, simplesmente, ao se portar em sua personalidade paulina, transforma-se para Pedro no exemplar típico do gênero homo (ZIZEK, 1996, p. 308-309).

Queremos enfatizar a *selfie*, em seu sentido amplo, como uma prática que se desenvolveu em uma “formação social capitalista, em uma conjuntura sócio-histórica ideológica determinada pelo avanço tecnológico, pela informatização da sociedade, pela mundialização das relações, entre outras, [...]” (COSTA, 2016, p.91). Para a Análise de Discurso, tal contexto se inscreve como parte das condições de produção, sendo algo constitutivo na formação dos efeitos de sentidos da linguagem.

Isso se dá por vários “meios” que contribuem para essa “ideologia da comunicação”. Desde a invenção da escrita; passando pelos meios de transporte, como as grandes navegações, que deram início a uma forma de economia mediada por redes de comunicação a distância e que, através do traçado do mapa-múndi, já instituem um sentido de unidade para o mundo, apagando outros sentidos possíveis, outros trajetos do sentido; até as mídias contemporâneas surgidas pelo avanço da tecnologia digital, que reforçam o sentido da globalização, da sociedade interconectada pela rede mundial de computadores. Um sentido de mundo único, de unidade e completude para o mundo e para o sujeito. Como sabemos, o lugar da unidade do sentido é o lugar em que as relações de poder podem se estabelecer com facilidade, exercendo o controle sobre a vida de sujeitos em todos os seus aspectos (DIAS, 2013, p. 52-53, grifos do autor).

Com relação ao surgimento das grandes navegações, ressaltamos que essa invenção é parte fundamental na consolidação do capitalismo em sua fase inicial (XVI-XVIII), ainda denominado como: Capitalismo-Comercial ou Pré-capitalismo. A instalação desse sistema econômico, que veio substituir o modo de produção feudal, não promoveu mudanças apenas no âmbito econômico, seus efeitos vão muito além dos modos de produção.

3.1 Um caso exemplar

Em conformidade com o aparato teórico da Análise de Discurso, compreendemos que os princípios que regem o capitalismo afetaram todos os segmentos de organização e funcionamento das sociedades. Provocaram rupturas e deslocamentos nos sentidos que, até então, estavam postos. Tudo passou a ser ressignificado. Nessa conjuntura, a linguagem e, conseqüentemente, o sujeito também foram afetados. Nessa direção, recorreremos aos estudos de Orlandi que explica, detalhadamente, como essas mudanças significaram na forma-sujeito:





O modo de interpelação do sujeito capitalista pela ideologia é diferente do modo de interpelação do sujeito medieval (E. Orlandi, 1996): se, no sujeito medieval, a interpelação se dá de fora para dentro e é religiosa, a interpelação do sujeito capitalista faz intervir o direito, a lógica, a identificação “[...]” (E. Orlandi, 1987). Nela não há separação entre exterioridade e interioridade, mesmo se, para o sujeito, essa separação continue a ser uma evidência sobre a qual ele constrói, duplamente, sua ilusão: a de que ele é a origem de seu dizer (logo, ele diz o que quer) e a da literalidade (aquilo que ele diz só pode ser aquilo) como se houvesse uma relação termo-a-termo entre linguagem, pensamento e mundo (ORLANDI, 2012, p.104).

Como visto, houve uma transformação na forma-sujeito. Os mecanismos ideológicos, na interpelação dos indivíduos, passaram a funcionar na forma de lei jurídica, como consequência, modificou-se também a relação do sujeito com a linguagem. Conforme mostra a autora citada: com o capitalismo, o sujeito tem a ilusão de ser a origem do próprio dizer e por isso diz o que “quer”. Além disso, instaura-se a ilusão de literalidade, algo muito semelhante ao funcionamento da lógica em si. É por isso que dizemos que essas questões surgem e se mantêm em relação com a linguagem.

Predominantemente, tanto as invenções tecnológicas, quanto a instauração do capitalismo, como sistema econômico vigente, são pensadas na questão da compra e venda. Mas quando esse sistema e suas invenções promovem a ilusão de literalidade, como vimos nas palavras de Orlandi (2012); e, de mundo único, como nos afirma Dias (2013), compreendemos que a sustentação destes está relacionada ao funcionamento da linguagem, que é estruturada pela falta marcada pelo vazio entre um significante e outro. É como se a ideologia do capitalismo, da globalização e da comunicação encontrasse, na propriedade da linguagem, a condição necessária para se perpetuar nesse sujeito que busca, incessantemente, preencher o vazio da linguagem que o constitui. Sobre essa relação do significante com a falta, recorreremos aos estudos de Magalhães e Mariani:

[...] a transmissão do significante vem do outro e nessa transmissão tanto se efetiva a possibilidade de tornar-se sujeito... falante quanto faltante. Se podemos supor que a transmissão da falta se dá pelo contato com os pequenos outros, não podemos descartar a sociedade, a cultura e a história, enfim, o meio no qual o sujeito se insere. Esse meio sócio-histórico produz efeitos no modo como a transmissão se realiza (2010, p. 405).

Faz parte das pesquisas, desenvolvidas por Dias (2013), a relação entre linguagem e tecnologia e os sentidos que essa relação produz na sociedade contemporânea. Para a autora, é:

[...] como se, a partir das novas tecnologias digitais, o homem tivesse finalmente encontrado a solução para tudo aquilo que faz dele humano. É esse efeito de sentido que se produz para tecnologia com o advento da Internet. Como se, a partir dela, pudéssemos construir uma sociedade igualitária (discurso das políticas públicas de inclusão digital), um mundo sem fronteiras (discurso da globalização), uma educação mais abrangente e eficaz (discurso da





EAD e dos Programas de Educação), uma Ciência onipotente, uma memória sem falhas, um corpo sem fragilidades (discurso da Ciência) e assim por diante (DIAS, 2013, p. 60).

Os efeitos produzidos demonstram aquilo que o sujeito do capitalismo quer “ter e ser”, porque são tecnologias que nascem nessa conjuntura histórica. Nesse sentido, consideramos que as redes sociais funcionam como uma espécie de mídia, ou seja, é também um aparelho ideológico que, atualmente, apresenta-se mais determinante que a mídia televisiva. Os efeitos que as redes sociais promovem vão ao encontro do que o sujeito, demandado pela ideologia capitalista, busca; e, quando enlaçado nessa rede, este se encontra preso às determinações do técnico, que mais o distancia do que o aproxima, que mais negam do que permitem etc. uma efetiva relação social com o outro. Nessa direção, vale retomar as palavras de Orlandi (2012), na definição sobre o modo como se configura o sujeito capitalista na contemporaneidade:

[...] O sujeito moderno – capitalista – é ao mesmo tempo livre e submisso, determinado (pela exterioridade) e determinador (do que diz): essa é a condição de sua responsabilidade (sujeito jurídico, sujeito a direitos e deveres) e de sua coerência (não-contradição) que lhe garantem, em conjunto, sua impressão de unidade e controle de (por) sua vontade. Não só dos outros mas até de si mesmo. Bastando ter poder (ORLANDI, 2012, p. 104).

Apresentadas as características que compõem a forma-sujeito capitalista, as relacionamos aos estudos desenvolvidos por Dias (2013), para quem, de acordo com o aparato teórico da Análise de Discurso, o efeito que a tecnologia digital produz é o de completude. Para a autora, a relação entre a linguagem e a tecnologia é vista:

[...] enquanto uma relação de sentidos possíveis que venha a perturbar os sentidos estabilizados que a tecnologia produz na sociedade contemporânea, sobretudo a partir da tecnologia digital, cujo efeito é o de completude. Como vimos, o digital modificou a própria noção de tecnologia. A passagem do analógico ao digital não é simplesmente uma questão técnica, mas diz respeito a uma mudança na forma de significação do mundo (DIAS, 2013, p. 59).

Conforme a autora, a tecnologia digital modificou, até mesmo, a própria definição de tecnologia. Quando se fala em tecnológico, atualmente, a ideia que se tem é a do digital, algo que exclui ou considera ultrapassado aquilo que é da ordem do analógico. Além disso, a sociedade que se instaurou com o surgimento do digital e sua relação com a linguagem não é a mesma da era analógica, tudo isso por questões ideológicas, principalmente, quando se fala da ideologia da comunicação. Vejamos como a autora analisa esse processo da ideologia na relação entre linguagem e tecnologia:





[...] Não estou dizendo que uma substitui a outra, mas que a relação linguagem e tecnologia se constitui discursivamente no processo em que a ideologia da comunicação se torna uma necessidade de calar o silêncio, de apagar a incompletude da linguagem (e do sujeito) (DIAS, 2013, p. 59).

Nesse processo, reconhecemos como o econômico, na sua relação com as criações tecnológicas, afeta a linguagem, seus estudos e o sujeito, não sendo uma questão exclusiva do século XXI.

Com isso, a tecnologia vai, ao longo dos séculos, se constituindo como um campo de questões, de produção de discursividades, através do qual os sentidos do excesso (do dizer), da completude, da unidade do sentido e do novo se afirmam. Em suma, o lugar das relações de poder, uma vez que controlar o sentido é uma instância de poder (DIAS, 2013, p. 59).

Sobre os efeitos da tecnologia, na forma-sujeito histórico capitalista, temos uma constatação um tanto intrigante a ser discutida. A ideologia da era conectada, com ênfase na circulação, tem interpelado o ser humano, de tal modo, que, em alguns casos, tem provocado a sua morte física. Uma vez que, para circular na rede, é necessário produzir sempre, ainda que, para se alcançar este objetivo, seja necessário radicalizar. É o que temos visto acontecer, principalmente, quando pensamos nas *selfies* trágicas em que os sujeitos desafiam a própria existência para fazer uma *selfie* que circule mais que a dos outros. Acerca desse assunto, podemos recorrer aos acontecimentos na Rússia, em 2015, em que as autoridades tiveram que criar uma campanha preventiva para combater um tipo de fatalidade bastante inusitada que cresceu muito no país: a morte por *selfie*.

Conforme informações publicadas na página da BBC⁶, com o título: “Após mortes, russos criam ‘Cartilha da *selfie* segura””, estatísticas oficiais apresentam que, em 2015, dez pessoas morreram em acidentes durante tentativas de *selfies*. Com objetivo de evitar esse tipo de fatalidade elaboraram uma cartilha de orientação para coibir a realização dessa prática em lugares de risco. Vejamos a imagem da cartilha:

⁶ Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2015/07/150708_russia_selfie_mortal_fd> Acessado em: 10. mar. 2016.



Figura 1: Print da "Cartilha da Selfie segura".



Fonte: BBC⁷

O discurso preventivo da cartilha nos faz compreender esses acontecimentos como a busca extrema pela variedade de si mesmo, sob a ilusão de criação do novo, para ter a *selfie* mais curtida, comentada e compartilhada. Esse funcionamento é um exemplo do que Pequeno (2014) afirma sobre as relações serem da ordem do consumo nas redes sociais. A ideologia tem condicionado as pessoas a se manterem sempre nessa relação da circulação, enquanto produto de consumo. Com as *selfies* trágicas, podemos ver como o corpo biológico submete-se à ordem do significante afetado pela ideologia, pois essa prática de *selfie* se inscreve no pré-construído⁸ da circulação e desconsidera os riscos de vida. Nesse momento, o corpo biológico é ignorado, silenciado e totalmente submetido ao efeito da ideologia de mercado.

Compreendemos que a superestrutura do consumo ancora o funcionamento da ideologia capitalista e os indivíduos são interpelados por ela. Desse modo, as redes sociais e as textualidades que as constituem, ao serem vistas pela teoria do discurso, são excelentes materiais para nos ajudar a entender as mudanças que têm ocorrido na forma histórica do sujeito.

⁷Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2015/07/150708_russia_selfie_mortal_fd. Acesso em: 10. mar. 2016.

⁸ “Foi isso que levou P. Henry a propor o termo “pré-construído” para designar o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é “construído” pelo enunciado. Trata-se, em suma, do efeito discursivo ligado ao encaixe sintático” (PÊCHEUX, 2014, p.89).



4 CONCLUSÃO

As reflexões suscitadas sobre a forma-sujeito histórico, a informática e os estudos sobre a língua(gem) demonstram que as invenções tecnológicas têm uma relação estrita com a linguagem, pois se constituem por meio dela, e, ao mesmo tempo, afetam seus domínios. Em específico, apresentamos os efeitos que a informática, em seu âmbito econômico, desde os anos 50, produziram, ideologicamente, no desenvolvimento de algumas teorias linguísticas, conforme consta nos estudos de Pêcheux (1998). Além disso, compreendemos também que este campo tem promovido o surgimento e a resignificação das práticas de linguagem, como, por exemplo, no caso deste trabalho, a *selfie*. Com relação à forma-sujeito histórico, entendemos que as mudanças no âmbito econômico estão na base da constituição da forma-sujeito: antes, sistema feudal; século XXI, sistema capitalista.

Nesse percurso, chegamos também a um ponto delicado e muito produtivo, em que problematizamos a questão do jogo “duplo” que habita o ser. Nessa direção, trouxemos os estudos da Psicanálise e do Materialismo histórico para sustentar a compreensão de como se constitui o *eu*, na relação com o outro. Compreendemos que esse jogo está presente na *selfie*, em que o próprio sujeito se autofotografa, fazendo uma leitura de si. Está na constituição do sujeito essa relação com o outro, desde o processo de formação do *eu*. Esta é uma das formas de identificação dos sujeitos com a prática da *selfie* na relação com o olhar do outro.

Nessa conjuntura, a *selfie* pode ser compreendida como uma interpretação que o próprio sujeito realiza de si, afetado por formações imaginárias relacionadas ao funcionamento das redes sociais. Desse modo, quando estamos diante de uma *selfie*, temos uma imagem que, hipoteticamente, seria da ordem do real; porém, não podemos tomá-la nessa transparência, pois o que temos nas *selfies* são versões do *eu*, este representado num corpo que se tornou objeto simbólico.

Tratamos a imagem do corpo enquanto textualidade, uma materialidade opaca, constituída por diferentes efeitos de sentidos, inclusive aqueles que promovem a ilusão de literalidade, algo muito presente na *selfie*, em que se acredita que a imagem de si, nas redes sociais, produza univocidade de sentidos, ou seja, de que o sujeito internauta seria exatamente aquele retratado na *selfie* em circulação. Nesse sentido, consideramos muito produtivo observar a relação da linguagem com a ideologia e seus efeitos no sujeito da *selfie* que coloca em risco a própria vida, nas constituições de algumas teorias linguísticas e na fundamentação de novas práticas de linguagem.



REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Tradução de Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CÂMARA JR., M. Do tradutor para o leitor. *In*: SAPIR, E. (org.). **Linguística como ciência**. Tradução de Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961. p. 7-14.

COSTA, G. C. da. A palavra do ano é uma imagem. **Revista Fragmentum**, n. 48, p. 89-103, jul./dez. 2016.

DIAS, C. P. Movimento da cibernética, saberes linguísticos e constituição do sujeito. *In*: FERREIRA, A. C. F. & MARTINS, R. T. (org.). **Linguagem e Tecnologia**. Campinas, SP: Editora RG, 2012. p. 11-23.

DIAS, C. P. Linguagem e tecnologia: uma relação de sentidos. *In*: PETRI, V. & DIAS, C. (org.). **Análise do discurso em perspectiva: teoria, método e análise**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p. 49-62.

DUNKER, C. O que é Narcisismo? Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Y3XUo4bDgCg>> Acesso em: 10 fev. 2017.

LAFONTAINE, C. **O império cibernético: das máquinas de pensar ao pensamento máquina**. Tradução de Pedro Filipe Henriques. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

MAGALHÃES, B.; MARIANI, B. Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 10, n. 2, p. 391-408, maio/ago. 2010.

MARX, K. **O Capital**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

NUNES, S.R. **Metáfora e espetáculo no discurso de divulgação científica da mídia**. 2005. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005.

NUNES, S.R. **A geometrização do dizer no discurso do infográfico**. 2012. 197 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

ORLANDI, E.P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 8. ed. São Paulo: Pontes, 2009.
ORLANDI, E.P. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. 2. ed. Campinas-SP: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. Sobre a (des-)construção das teorias linguísticas. *In*: GUIMARÃES, E. & ORLANDI, E. P. (org.). **Línguas e instrumentos linguísticos**. Tradução de Celene M. Cruz e Clémence Joüe-Pastré. Campinas: Pontes, 1998. p. 7-32.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.





PÊCHEUX, M. Metáfora e Interdiscurso. *In*: ORLANDI, E. P. (org.). **Análise de Discurso**: textos escolhidos. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 151-161.

PEQUENO, V. **Nos subsolos de uma rede**: sobre o ideológico no âmago do técnico. 2015. 102 f. Dissertação (Mestrado em divulgação científica e cultural) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

PEREIRA, B. F. A cibernética como discurso fundador da discursividade digital. **Revista Dissol**, n. 3, p. 51-62, 2016.

SCHONS, C. R. Sociedade, corpo e relação subjetiva. **Acta Scientiarum: Language and Culture**, v. 37, n. 2, p. 181-188, 2015.

SIMÕES, A. O que é o Narcisismo? Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0NZnqrkAjh8>> Acesso em: 1 jul. 2017.

SIMÕES, A. O estádio do espelho. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jXIbm4agHgM>> Acesso em: 5 jul. 2017.

ZIZEK, S. Como Marx inventou o sintoma. *In*: ZIZEK, S. (org.). **Um mapa da ideologia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 297 – 331.

Artigo recebido em: 03/07/2022

Artigo aprovado em: 30/10/2022

Artigo publicado em: 03/11/2022

COMO CITAR

SOARES, M. A.; NUNES, S. R. *Selfie: a relação entre a técnica e a prática discursiva*. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 11, p. 1-19, e02211, 2022.

